

FINITUDE E SENTIDO DA VIDA: DO TORPOR À TAREFA¹

FINITUDE AND MEANING OF LIFE: THE NUMB OF THE MISSION

Diogo Arnaldo Corrêa

Cláudia Monti Duque Rodrigues

Universidade Braz Cubas de Mogi das Cruzes

Resumo. Concebido por Frankl como um ser único, singular e concreto, o ser humano é capaz de descobrir sentido na vida, pois pode autotranscender e realizar valores de criação, de experiência e de atitude. Todavia, no seu caráter de finitude, a vida é desafiada pela temporalidade e pela morte. Por meio de uma revisão teórica, o artigo apresenta que, enquanto livre, responsável, noético, e a partir da sua consciência, o ser humano pode decidir perante qualquer condição na vida e ir além da sua finitude, tendo a oportunidade de cumprir a tarefa a que é convocado. Dessa forma, a descoberta do sentido da vida pode ser considerada uma oportunidade para a transformação do vivido em eterno.

Palavras-chave: Finitude. Morte. Logoterapia.

Abstract. Designed by Frankl as a unique, singular and concrete, the human being is able to find meaning in life, because it can self transcend and perform creation values, experience and attitude. However, in his character of finitude, life is challenged by temporality and death. Through a literature review, the paper presents that while free, responsible, noetic, and from his conscience, man can decide to any condition in life and go beyond their finitude, having the opportunity to fulfill the task it is summoned. Thus, the discovery of the meaning of life can be seen as an opportunity for the transformation of living in the eternal.

Keywords: Finitude. Death. Logotherapy.

¹ Artigo originado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado por Cláudia Monti Duque Rodrigues, aluna egressa do Curso de Psicologia da Universidade Braz Cubas de Mogi das Cruzes-SP, sob a orientação de Diogo Arnaldo Corrêa.

Se há algo que é certo para o ser humano, numa perspectiva fenomenológica, é a sua finitude. Ao longo de sua vida, o ser humano se depara com experiências que registram desafios e situações inevitáveis, contrastadas pela temporalidade e pelo fim que o surpreendem e lhe cobram uma posição.

O termo finito, conforme Abbagnano (2007), tem significações que podem corresponder aos sentidos de infinito. Na perspectiva de Hegel, o infinito é a própria realidade enquanto potência ilimitada de realização, ao passo que finito é algo que não tem potência o bastante para realizar-se. Por esta ótica, o finito é *irreal* e encontra realidade somente no infinito e como infinito.

E em Heidegger, o caráter finito da vida é compreendido na perspectiva que qualquer projeto de mundo do ser humano já se encontra dominado pelo próprio mundo, o qual limita as possibilidades projetáveis, ou seja, devido à facticidade, são *subtraídas* do Ser-aí outras possibilidades (Abbagnano, 2007).

Finitude é, portanto, um termo abstrato correspondente a finito que, por sua vez, é a qualidade própria do ser humano e de suas possibilidades. Isso indica que toda filosofia da existência é também do finito, porque toma a existência em termos de possibilidades condicionadas.

Nessas possibilidades, se inscrevem a temporalidade e a morte enquanto aspectos drásticos, numa mirada superficial, considerados pelo homem como limitações e razões para seu sofrimento e angústia.

De alguma maneira, essas noções são adequadas, pois expressam realidades que o homem não requer para si, partindo do ponto de vista que

busca autorealizar-se e descobrir os caminhos para sua felicidade.

Todavia, existir sem a reflexão acerca da finitude pode resultar numa vida sem sentido. Afinal de contas, a única certeza que todo ser humano possui é que, um dia, sua vida será levada a termo. E antes disso ocorrer, ele experimentará inúmeros eventos que apelarão para suas capacidades mais profundas de superação.

Se a vida não fosse finita, cada ação poderia ser adiada até o infinito. Nesse sentido, a temporalidade e a morte obrigam o homem a encarar a vida em aspectos de irrepitibilidade e unicidade. Por isso, o homem deve contentar-se de forma consciente com a finitude, e não deve separar a temporalidade e a morte da vida (Frankl, 1946/2010).

Moreira e Holanda (2010) destacam a finitude não como um acréscimo à vida humana, mas como parte do seu sentido. Por isso, é possível compreender no caráter irreversível da vida a fundação essencial do seu sentido. A finitude é, portanto, uma potência para a descoberta do sentido da vida.

LOGOTERAPIA: A RELEVÂNCIA ACERCA DO SENTIDO DA VIDA

O pensamento de Viktor Emil Frankl desdobrou-se a partir de pressupostos filosóficos, dos alcances das perspectivas de Freud e Adler, e das suas experiências nos campos de concentração. A partir desses fundamentos, a orientação para o sentido e a tendência humana para os valores se encontram num plano ontológico na Logoterapia.

A própria nomenclatura oferecida por Frankl à sua proposição – Logoterapia – revela a centralidade da questão do sentido. *Logos* provém do grego, e significa *sentido*. Dessa forma, o termo

Logoterapia se refere ao tratamento ou cura pelo sentido.

De acordo com Lukas (1989), Frankl concebe o ser humano como alguém que pode conformar sua vida a partir de um sentido. E se a busca de sentido é frustrada, o ser humano pode adoecer psiquicamente.

O homem, portanto, é mais que produto de processos de aprendizagem, é mais que o resultado da interação entre ambiente e fatores genéticos. Ele possui capacidades de autodeterminação e de responsabilidade por suas decisões. E essas são algumas das potencialidades que fazem dele uma pessoa.

Na perspectiva frankliana, a pessoa é noética, ou seja, é considerada para além de suas dimensões biopsicossociais. Nesse contexto, Frankl (1969/2007) apresenta a dimensão noética como a dimensão profunda e humana. Ser pessoa, para Frankl, é ser uma totalidade na unidade, onde se contemplam as diferenças ontológicas e a unidade antropológica.

As diferenças ontológicas entre o somático, o psíquico e o noético se reúnem na unidade do ser humano. Desta forma, a dimensão noética é um fenômeno e o mais profundo humano. A dimensão noética não pode, portanto, ser negada. E se o fosse, todos os fenômenos noéticos seriam atribuídos ao psíquico. Essa redução conferiria descrédito à epistemologia da Psicologia, bem como poderia provocar danos ao paciente (Lukas, 1989).

A compreensão frankliana do ser humano como ser noético, e a questão levantada acerca do sentido da vida, estão fundadas nos três pilares da Logoterapia (Frankl, 1969/2007). São eles a Liberdade da Vontade, a Vontade de Sentido e o Sentido da Vida.

A Liberdade da Vontade significa a liberdade humana, a possibilidade de tomada de decisão perante qualquer condição que possa se enfrentar. A pessoa sempre é livre para formar o seu caráter, bem como é responsável pelo que pode fazer de si, e tem condições de realizar isto porque possui a capacidade do autodistanciamento, a capacidade de se autodistanciar das piores condições e de si mesmo. Tomar posição ante os fenômenos biopsicossociais é colocar-se acima deles, abrindo-se à dimensão noética.

Isto ocorre cada vez que a pessoa age segundo a sua consciência. A consciência nasce da dimensão noética, e é intuitiva. É uma inteligência pré-moral do valor. Por muito tempo na Psicologia, a consciência foi limitada ao superego que se orienta para as leis rescritas e transmitidas. Entretanto, na perspectiva frankliana, a consciência se direciona para o sentido da situação. Nesse contexto, Lukas (1989) retrata que uma pessoa que busca o sentido está em diálogo com sua consciência.

A Vontade de Sentido, o segundo pilar da Logoterapia, é a teoria motivacional do ser humano, relacionada à possibilidade da pessoa encontrar e realizar um propósito na vida. A Vontade de Sentido não pode ser comandada, mas deve aflorar, e o sentido deve ser descoberto.

O terceiro pilar denomina-se Sentido da Vida. Herrera (2007) o define como um questionamento que desafia o ser humano. A questão do sentido da vida é puramente uma questão humana. Só o homem é capaz de suscitar o problema do sentido da sua própria existência. As abelhas, apesar de superarem a sociedade humana quanto à organização social, jamais serão capazes de suscitarem o problema do sentido da vida. Mas o ser humano pode suscitá-lo e, fazendo-o, não se limita aos ideais e valores convencionais, mas procura um

sentido pessoal que traduza dado amadurecimento noético (Frankl, 1974/2003).

O sentido trata-se, portanto, de algo encoberto numa situação concreta enfrentada por uma pessoa. Ele é um valor objetivo (Guberman & Soto, 2006). Pelo fato da pessoa ser única, singular e concreta, o sentido também é único, singular e concreto.

Dessa forma, de acordo com Frankl (1946/2010) o sentido não é dado, mas descoberto. Por isso, ele não pode ser inventado. E ele só pode ser descoberto porque é objetivo, o que revela que não é o depósito de sentido nas coisas, mas a descoberta de sentido que está em questão na Logoterapia.

CAPACIDADES HUMANAS: AS POSSIBILIDADES DE IR PARA ALÉM DE SI MESMO

A Logoterapia propõe uma análise sobre o noético e conduz a ele. Trata-se de uma análise *frente à* existência, e não *da* existência. Nesse sentido, concebendo o ser humano enquanto ser noético, Frankl apresenta algumas capacidades humanas inerentes às possibilidades da existência enquanto *poder ser*.

A consciência e a responsabilidade são duas dessas potencialidades. A consciência possui relação com a capacidade de compreensão que o homem pode ter acerca do sentido a ser descoberto em cada situação. Isso corrobora para que o homem possa responder às questões da própria consciência com responsabilidade, uma vez que a consciência é o órgão do sentido. Ela tem a capacidade de captar a singularidade do sentido de maneira objetiva, e pode conservar e ampliar os valores no mundo.

Ser pessoa é ser consciente. É, também, ser responsável (Herrera, 2007). Lukas (1989) explicita

que a dignidade da pessoa, e a consciência do seu ser responsável, confrontam com a imposição psíquica como elemento de destino à escolha noética do homem, ou seja, sua liberdade.

A liberdade é outra característica nitidamente humana. Para que ela exista, pressupõe-se que haja possibilidades de escolha, e para estas intui-se, antecipadamente, o conhecimento de algo que necessita da consciência.

Enquanto uma capacidade ontológica, a liberdade pertence à essência do próprio ser. O homem é livre para se tornar algo diferente do que é; é livre sobre sua facticidade. A liberdade, relacionada à responsabilidade enquanto capacidade para responder a si próprio ou alguém pelas escolhas tomadas, favorecem respostas em forma de decisões que ressoam na eternidade.

A liberdade e a responsabilidade são exercitadas a partir da consciência que, delas, é guia. Assim, todas essas capacidades cooperam entre si. Nessa relação, a consciência é tida como um fenômeno primário, uma dimensão na qual o ser humano se encontra consigo mesmo e coloca-se sobre si para julgar os próprios atos em termos morais e éticos (Frankl, 1969/2007).

Nessa perspectiva, Bretones (1999) ressalta que o homem é noético, assim como é liberdade, responsabilidade e consciência. Dessa forma, ele é o único ser capaz de autotranscender, ou seja, ele pode ir para além de si mesmo, dirigindo-se para algo ou alguém (Frankl, 1969/2007). Autotranscendendo, o homem pode descobrir o sentido e se realizar.

A partir de uma metáfora, Frankl (1974/2003; 1946/2010) destaca que a essência da existência humana se consolida na autotranscendência: o olho não tem a capacidade de enxergar-se, exceto ao espelho. Quando ele está com catarata ou glaucoma, pode ver nuvens ou círculos

irisados ao redor de uma fonte de luz, respectivamente, ou seja, enxerga apenas sua própria doença. Quando pode olhar a si mesmo é porque está com o visual lesado. Assim, o olho sadio tem que ser capaz de não enxergar a si próprio.

Da mesma forma é o ser humano. Há uma distorção à medida que ele gira em torno dele mesmo, ou de algo que esteja dentro ou ligado a ele. Somente na medida em que se lança para além de si mesmo, esquecendo-se de si, é que se torna inteiramente ele mesmo.

Lançando-se para além de si mesmo, o homem pode realizar-se, descobrindo o sentido de sua vida e efetivando valores, até mesmo quando experiencia acontecimentos inevitáveis. Isso reflete a noção que, de qualquer forma, a vida possui um sentido incondicional (Frankl, 1974/2003).

VALORES DE CRIAÇÃO, DE EXPERIÊNCIA E DE ATITUDE: ATUAÇÕES DO SER HUMANO PARA A REALIZAÇÃO DE SUA VIDA

De acordo com Herrera (2007), o homem possui a liberdade para se comprometer na tarefa de encarnar os valores e atualizar os sentidos que descobre. Por essa razão, ele pode empreender-se em criar uma obra, vivenciar algo ou alguém, ou seja, captar uma pessoa na sua unicidade e irrepitibilidade, ou tomar uma posição perante as situações inevitáveis de sua vida.

Esses são valores, enquanto tendências humanas, que se encontram no plano da *práxis* no enfoque logoterapêutico, pois são passíveis de transmissão. E Frankl (1946/2010) os categoriza em três modalidades: os valores de criação, os valores de experiência, e os valores de atitude.

Os valores de criação são capacidades de dar algo ao mundo, oferecer algo por meio de criações,

ou seja, um trabalho. Os valores de experiência são efetivados quando o homem percebe que não só é capaz de dar algo ao mundo, mas também de receber algo do mundo, como a contemplação da natureza, mas principalmente a experiência transcendente do encontro com outro ser humano.

E quando o ser humano se encontra constrangido pelo seu destino ou seus condicionamentos biopsicossociais, pode desfrutar da capacidade de exercer sua capacidade noética para tomar uma atitude diante de tais circunstâncias, ou seja, pode realizar um valor de atitude (Herrera, 2007).

Para a realização de um valor de atitude, tudo depende de como o homem suporta o sofrimento. Toda doença tem o seu sentido, mas o sentido está no *como* sofrer, na atitude que ele adota perante a doença e não no *quê* de ser doente (Frankl, 1946/2010).

A possibilidade de realizar valores de atitude é verificada quando um homem arrosta um destino perante o qual nada mais pode fazer que aceitá-lo, suportá-lo. A depender do modo como o suporta, ele contribui com sua humanidade, desenvolver a capacidade de sofrer em vista do amadurecimento que lhe é essencial (Frankl, 1946/2010).

Adotando uma atitude diante de um destino que não se deixa mudar, a pessoa colabora para que sua vida seja transformada numa vida plena de sentido, ou seja, numa vida realizada (Frankl, 1981/1990). Realizando valores de atitude, a pessoa consegue superar sua facticidade, transformando assim uma tragédia pessoal num triunfo.

A FINITUDE COMO PROJETO: A VIDA NO SEU CARÁTER DE TAREFA

Quando as possibilidades de realizar valores são concretizadas a partir de criações, vivências, ou

do sofrimento, elas são conservadas no passado, e nada pode afetá-las. O passado torna-se um fiel depositário que assegura as ações da vida para toda a eternidade. Nesse sentido, Frankl (1946/2010) alude que o tempo e a caducidade da vida não podem afetar o seu sentido e o seu valor.

Todavia, o tempo não se divide em presente, passado e futuro. Esta noção trata-se de uma miragem da consciência, pois, na verdade, a realidade existe simultaneamente (Frankl, 1972/2002). A esse respeito, Herrera (2007) coloca que a realidade do tempo não se esgota na vida presente, mas integra o passado e o presente para formar uma atitude pessoal perante o futuro.

Dessa forma, o futuro do homem, e daqueles que estão ao seu redor, depende da decisão tomada a cada instante. O que se realiza no mundo fica salvo na realidade e preservado da caducidade.

Por essa razão, a responsabilidade que o homem tem pela vida e na vida se refere à temporalidade, num primeiro momento, porque só se vive uma vez. Nesse sentido, Frankl (1946/2010, p. 147) expõe: “viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora”.

O homem é responsável, portanto, por aquilo que eterniza, e leva à sepultura a totalidade da vida vivida até a morte. Entretanto, o haver existido é a forma mais segura de ser, pois a existência não morre. “O ser humano não é um ser-para-a-morte, mas um ser-ante-a-morte, pois ante ela se decide e toma uma atitude.” (Xausa, 2003, p. 84).

Em relação à finitude, a morte traz ao homem o significado do pleno sentido em aproveitar as oportunidades e de empreender a vida para algo ou alguém. Em qualquer situação, cada pessoa tem um caminho único e irrepitível,

podendo chegar à realização de suas possibilidades, e não pode se esquivar de fazer esta escolha. Se a pessoa se revolta contra o destino, sem responsabilidade, é porque não percebeu o sentido do destino que, como a morte, também oferece sentido à vida.

O homem é insubstituível no contexto do seu destino. Nunca terá novamente as mesmas possibilidades. As oportunidades para a realização de valores criadores ou vivenciais, ou de valores de atitude, são únicas e irrepitíveis.

Em face de um destino que o determina, seja na dimensão biológica, psicológica, ou social, o ser humano é livre, e a liberdade é impossível sem um destino. O homem vai se libertando do que o determina, e assim transcende a essas determinações (Frankl, 1946/2010).

Na qualidade de ser histórico, o homem nunca é, mas sempre *vem a ser*. E só será um todo quando sua vida tiver se encerrado. E é a partir desse desfecho que seu *mundo* é completado (Frankl, 1978).

O homem, mortal, traça ao redor de sua vida um todo fechado, e cada momento único é referido ao seu passado, ao seu futuro e à sua morte. Essa perspectiva é o que possibilita referir à vida o caráter de tarefa.

A tarefa, trata-se de uma missão que um homem tem que cumprir. Ela nunca é impossível de se realizar, e sua vida se carregará de sentido quanto mais ele apreender o caráter de missão na vida.

O homem que não tem consciência da sua responsabilidade vê a vida como algo dado, e não como algo encomendado, conforme ensina a Logoterapia. Assumir sua tarefa é assumir a sua missão.

A primeira tarefa do homem está em descobrir a própria missão e ir ao encontro do sentido da vida, de maneira única e irrepetível. Isto se dá pela ação de cumprir a exigência de cada dia (Frankl, 1946/2010). Dessa forma, os valores de criação, os valores de experiência e os valores de atitude, quando realizados, indicam que a vida tem sentido sempre, e até a morte (Frankl, 1974/2003).

O homem deve cumprir sua tarefa para que a finitude de sua vida seja presenteada de sentido. Na medida em que ele realiza valores, salva as possibilidades no passado, podendo recuperá-las no presente, para transformá-las no futuro, a partir da consecução de sua tarefa pessoal.

O passado torna o presente compreensível, mas não determina seu futuro. Dessa maneira, o passado pode ser visto como fatalista ou como aprendizado, e isto depende da liberdade do ser humano. E seu futuro não pode ser predito, da mesma forma que também nunca se saberá se o mesmo encerrará, ou não, a possibilidade de realização de valores.

Por isso, nenhum homem sabe se ainda pode existir algum grande momento que o espera (Frankl, 1946/2010). Cabe-lhe que realize sua tarefa, que cumpra sua missão que pode ser descoberta na unicidade de sua vida. É realizando essa tarefa, expressa pelos valores, que o ser humano presenteia sua existência com o sentido.

PRÁXIS CLÍNICA ORIENTADA PELA LOGOTERAPIA: O APELO PARA A DESCOBERTA DO SENTIDO ANTE A FINITUDE DA VIDA

A Logoterapia propõe uma interpretação da existência concreta, a partir da biografia de uma pessoa, para ressaltar sua dimensão profunda e humana. Assim, ela se serve de tudo o que o

homem, visando apelar à consciência para a descoberta do sentido.

De acordo com Guberman e Soto (2006) a Logoterapia é um método que segue uma orientação antropológica de investigação precedente a qualquer psicoterapia. Pintos (1988) também destaca que a Logoterapia resgata o homem da despersonalização e rehumaniza a psicoterapia, afirmando que o homem é um ser que busca o sentido da vida.

Ao apelar à consciência, a Logoterapia pode favorecer ao homem o descobrimento da tarefa que só ele pode realizar em sua vida. Pode, também, guiá-lo para que responda às questões existenciais, responsabilizando-se pela sua vida (Frankl, 1946/2010).

O que importa à Logoterapia é saber acordar a consciência do homem, como um despertador, de modo que possa se responsabilizar pela sua vida, assumindo a tarefa que lhe é inerente, única e irrepetível, e que, potencialmente, pode significar a finitude de sua vida.

A consciência pode perceber, de forma intuitiva, as potencialidades de significado em cada situação concreta.

Enquanto uma psicoterapia *a partir do espírito*, a Logoterapia percebe a luta noética do homem por detrás dos sofrimentos atrelados às suas angústias devido à finitude de sua vida. Nesse contexto, a Logoterapia pode contribuir para que o ser humano consiga superar seus sofrimentos e angústias, transformando-os num *para quê*.

É preciso que o ser humano seja contemplado na sua integralidade, no seu aspecto noético. Há pacientes que duvidam do sentido da sua vida. Na Logoterapia, essa dúvida é chamada de frustração existencial. A frustração existencial pode ser agravada e transformar-se em vazio existencial

quando, ao empreender-se na busca pelo sentido da vida, o homem não o descobre.

Para essa problemática existencial, associada ao que Frankl denomina de neurose noogênica, a Logoterapia é uma terapia específica que considera a dimensão noética e o despertar da responsabilidade individual. Nesse contexto, a Logoterapia completa a psicoterapia.

O destino é dado ao homem como configuração psicossomática e como concreta situação existencial. Disposição e condição constituem o homem. Mas, sua livre atitude é capaz de ultrapassá-las. No contexto clínico, a Logoterapia opera apelando para essa livre atitude humana. Considera que, no homem, encontra-se um estado de contínua tensão, a eterna luta entre a liberdade noética e o destino (Bruzzone, 2011).

Porém, pelo poder de resistência do espírito, uma força que ultrapassa os limites e os condicionamentos, o ser humano possui a capacidade de se opor às influências da herança e do meio ambiente, tomando uma posição em respeito a seu destino.

A Logoterapia visa garantir essa eficácia, apresentando-se como uma proposta psicoterápica otimista, porque mostra ao paciente como transformar a desesperança numa vitória. Ela trata da atitude do paciente diante de seu destino imutável, conservando a lucidez que não compete a ela decidir sobre o sentido ou não-sentido, pois é o paciente quem tem que descobri-lo (Frankl, 1946/2010).

A Logoterapia tem, por intenção, mobilizar o paciente para a Vontade de Sentido, quando esta se encontra adormecida, reorientando-o para a descoberta do sentido de sua própria vida, apelando à sua liberdade e responsabilidade para realizar

valores, ressaltando sua capacidade de autotranscendência (Pintos, 1988).

A Logoterapia, portanto, propõe a rehumanização da psicoterapia, centralizando a capacidade humana da autotranscendência, mobilizando o ser humano à realização de valores e contribuindo para a descoberta do sentido em qualquer situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do sentido da vida é algo inerente ao ser humano, que talvez não saiba defini-lo, mas pode descobri-lo em seu cotidiano a partir da realização dos valores. A pessoa que vê a vida como algo dado, e que, por esta razão, não viva com responsabilidade, desperdiça as possibilidades que pertencem somente a ela, como ser único e singular, e a cada momento que é irrepetível.

A cada possibilidade, se a pessoa não descobre o sentido de sua vida, pode experimentar a frustração existencial. E considerando que a questão do sentido é inata, à medida que a pessoa percebe a intensificação da falta de sentido em sua vida, ela pode ruir no vazio existencial.

Viktor Emil Frankl destaca que a mais forte motivação humana é a busca de sentido para a vida, denominada como Vontade de Sentido. Conforme Bretones (1999), o homem é noético, assim como é liberdade, responsabilidade e consciência. Assim, o homem é livre para decidir perante qualquer condição da vida, e ao mesmo tempo é responsável pelo que pode fazer de si. Para isso, pode colocar-se acima dos fenômenos biopsicossociais, abrindo-se à dimensão noética por meio da ação da consciência que, ao mesmo tempo em que o conduz à sua dimensão mais profunda, emerge dele.

Ao buscar o sentido da vida, o ser humano pode percorrer caminhos que não o levarão a esta

descoberta, sobretudo se tiver intensificadas as suas angústias em relação à finitude de sua vida. Se forem oferecidas apenas falsas ou meias verdades ao homem, ele pode ser destruído (Frankl, 1974/2003).

Dessa forma, a Logoterapia aponta ao ser humano algumas perspectivas para que ele reconheça, na dedicação a uma tarefa, as oportunidades para sua realização.

Mesmo diante de um destino imutável, o homem pode descobrir o sentido da vida, sendo ele responsável pela realização de suas possibilidades que serão eternizadas no tempo.

Ao tocar a finitude de sua vida, o que se traduz em certeza para o ser humano é a morte, que limita algumas possibilidades, contudo, não destrói a Vontade de Sentido. Assim, o fato de a temporalidade ser limitada, e o homem não saber quando a vida se encerrará, deve ser visto como uma

oportunidade para que ele não desperdice a realização de suas possibilidades que, assim como ele, são únicas, singulares e concretas.

Pompéia e Sapienza (2010, p. 79) realçam que “ser mortal é ser limitado o tempo todo, é não poder ser tudo” e a vida permanentemente convida à realização do melhor possível a que se tem possibilidade e oportunidade para ser realizado.

Portanto, a finitude da vida encerra, como um círculo, a vida do homem. Cada momento único se refere ao seu passado, ao seu futuro e à sua morte. E a vida conserva o seu caráter de tarefa. Quanto mais o homem se der conta da tarefa que lhe é exigida, mais ele terá a sua vida plena de sentido. Apesar do ser humano vir do nada e voltar ao nada, pode dizer *sim* à sua existência. Por esse *sim*, a pessoa presenteia de sentido à sua vida e à própria finitude enquanto potencial para sua realização. Nisso residem a nobreza e a grandeza da pessoa (Frankl, 1972/2002).

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. (5a ed. rev. ampl.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bretones, F. (1999). *A Logoterapia é Óbvia*. São Paulo: Paulinas.
- Bruzzone, D. (2011). *Afinar la Consciência: Educación y Búsqueda de Sentido a partir de Viktor E. Frankl*. (1a ed.). Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papyrus. (Trabalho original publicado em 1981)
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Frankl, V. E. (2007). *Fundamentos y aplicaciones de la Logoterapia*. (1a ed., 3a reimp.) Buenos Aires: San Pablo. (Trabalho original publicado em 1969)
- Frankl, V. E. (2002). *La Voluntad de Sentido: Conferencias escogidas sobre Logoterapia*. (3a ed., 2a imp.). Barcelona: Herder. (Trabalho original publicado em 1972)
- Frankl, V. E. (2010). *Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial*. (5a ed.). São Paulo: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. E. (2003). *Sede de Sentido*. São Paulo: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1974)

- Guberman, M., & Soto, E. P. (2006). *Dicionário de Logoterapia*. Lisboa: Paulus.
- Herrera, L. G. P. (2007). *Viktor Frankl: comunicación y resistència*. (1a ed.). Buenos Aires: San Pablo.
- Lukas, E. (1989). *A Força desafiadora do Espírito: Métodos de Logoterapia*. São Paulo: Loyola.
- Moreira, M., & Holanda, A. (2010). *Logoterapia e o Sentido do Sofrimento: Convergências nas dimensões espirituais e religiosas*. *Psico-USF*, 15(3), 345-356.
- Pintos, C. C. G. (1988). *Viktor Emil Frankl: La Humanidad Posible*. Buenos Aires: Almagesto.
- Pompéia, J. A., & Sapienza, B. T. (2010). *Na Presença do Sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC.
- Xausa, I. A. M. (2003). *O Sentido dos Sonhos na Psicoterapia em Viktor Frankl*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Enviado em: 26/04/2013

Aceito em 30/06/2013

SOBRE OS AUTORES

Diogo Arnaldo Corrêa. Psicólogo, Logoterapeuta, mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Especialista em Logoterapia e Logoteoria Clínica (SOBRAL), Docente do curso de Psicologia da Universidade Braz Cubas de Mogi das Cruzes (SP) e orientador psicopedagógico da Faculdade Católica de S J Campos (SP). E-mail: dyogocorrea@hotmail.com

Cláudia Monti Duque Rodrigues. Psicóloga, graduada em Psicologia pela Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP (2013). Graduada em Engenharia Civil pela Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP (1996). E-mail: claudiamontidduque@hotmail.com